

SAMARICA PARTEIRA: VIAGEM PELO UNIVERSO NORDESTINO

L. M. Silva¹ e M. H. F. Silva²
larimarysilva@hotmail.com¹; marta.silva@ifrn.edu.br²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo registrar os estudos sobre variação linguística regional e outros aspectos da cultura nordestina, a partir da análise do caso "Samarica Parteira". Esse caso foi escolhido em virtude da comemoração do centenário de Luiz Gonzaga, o rei do baião, em 2012, e para homenagear também o escritor do caso, Zé Dantas. Neste artigo, além das variações linguísticas, estão em enfoque: a importância das parteiras, a religiosidade, as superstições, o uso dos remédios populares, os animais presentes no caso, e também os capitães do Nordeste e o relevo do sertão, o que ajuda o leitor a imaginar o local onde a história se passa. O trabalho de pesquisa foi realizado com a turma do primeiro ano técnico integrado de alimentos, do

ensino médio. As atividades foram divididas em duas partes: em classe, leitura e interpretação do caso, audição do caso na interpretação de Gonzaga, divisão dos grupos, divisão das partes do texto para cada grupo, estudo das variações; e, em casa, pesquisa sobre o tema suplementar, organização do trabalho escrito, produção dos slides e ilustração da cena estudada para apresentação. O trabalho foi de grande valor em termos de aprendizagem para os alunos envolvidos, pois eles aprenderam de uma forma prática sobre as variações linguísticas, mais precisamente as regionais, bem como sobre características próprias do sertão presentes no texto.

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística regional, cultura sertaneja, gênero caso.

SAMARICA MIDWIFE: JOURNEY THROUGH THE NORTHEAST UNIVERSE

ABSTRACT

This article aims to record the studies on regional linguistic variation and other aspects of northeastern culture, from the analysis of the case "Samarica parteira". This story was chosen because of the centenary of Luiz Gonzaga, the king of the baião, in 2012, and also to honor Zé Dantas, who has written the case. In this article, beyond the linguistic variations, are in focus: the importance of midwives, religion, superstition, the use of folk remedies, the animals mentioned in the tale, the captains of the Northeast and the relief of the interior, which helps the reader to imagine where the story goes. The research was conducted by the first year secondary technical integrated of food. The activities

were divided into two parts: in class, reading and interpretation of the case; listening of the tale, by the in interpretation form Gonzaga; group division; division of parts of the text for each group; study of linguistic variations; and, at home, research on the additional theme, organization of written work, production of slides and studied illustration scene for presentation. The work was of great value in terms of learning for students involved because they have learned in a practical way about the linguistic variations, more precisely the regional as well as on characteristics of the hinterland in the text.

KEYWORDS: regional linguistic variation, country culture, genre case.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende levar o leitor a fazer uma viagem pelas marcas do Nordeste encontradas no causo “Samarica parteira”, escrito por Zé Dantas e interpretado por Luiz Gonzaga. O causo interpretado pelo rei do baião foi lançado pela primeira vez no ano de 1973, no disco que recebeu o nome da própria música. No causo, podem-se perceber alguns aspectos do sertão, como, por exemplo: o falar, a maneira como no Nordeste se dá a comunicação, as variações linguísticas, expressões idiomáticas etc; a importância que as parteiras tiveram e ainda têm para determinados lugares onde o acesso a hospitais é difícil; as superstições, os tratamentos e remédios populares que se constituem costumes do povo da região; o reflexo da autoridade que os coronéis exerciam em outras épocas; e também a fé que as pessoas tinham em criaturas divinas e a confiança que eles tinham de que os santos podiam ajudá-los em diferentes situações, crença que perdura até os dias atuais.

Os aspectos literários não foram esquecidos pelo autor. Para mostrar o relevo da região, o autor utiliza onomatopeias e ainda há a presença da personificação dos animais, o que acentua o caráter humorístico do texto.

O presente artigo ajuda o leitor na compreensão de algumas das riquezas do sertão nordestino expressas no causo, ao mesmo tempo em que valoriza a obra de dois pernambucanos: um, o compositor Zé Dantas, por contemplar a cultura nordestina; outro, Luiz Gonzaga, por difundir-la por meio da sua interpretação. Esse documento já está configurado com as normas pré-estabelecidas pela Comissão Organizadora do evento e, para segui-las, basta substituir os textos de descrição pelo conteúdo do artigo. Caso não seja possível proceder dessa forma, as normas de submissão serão descritas a seguir nos demais itens.

2 SAMARICA PARTEIRA, UM CAUSO

O contato com o causo “Samarica parteira” ocorreu nas aulas de Língua Portuguesa, quando da realização de um trabalho que teve como motivação a comemoração do centenário do mestre Luís Gonzaga, em 2012. Escolheu-se esse texto por causa da brilhante interpretação de Gonzaga, o compositor popular brasileiro conhecido como o Rei do Baião, e também por apresentar a grande riqueza da cultura do povo sertanejo. O causo foi escrito pelo pernambucano José de Sousa Dantas Filho, mais conhecido como Zé Dantas, compositor, poeta e folclorista. “Samarica parteira” trata-se do relato de um parto que acontece no sertão nordestino. O autor utiliza-se de uma linguagem coloquial, para reproduzir um causo (caso), isto é, uma história que apresenta fatos verídicos ou não, contada com humor.

No causo acontece a busca por uma parteira no sertão. A esposa de um tal coronel Balbino estava prestes a dar à luz e necessitava de alguém que a auxiliasse no momento do parto. O capitão, então, preocupado com o parto da sua esposa, mandou seu empregado Lula procurar a Samarica parteira para vir ajudar Dona Juvita no nascimento do bebê. Lula, a caminho da casa da parteira, passou por diversas situações, encontrando muitas cancelas, diferentes relevos, o que

dificultou um pouco a sua chegada à casa de Samarica. Depois que a parteira chegou à casa do Capitão Balbino, ela ficou à frente de todo o desenrolar da história de ali em diante, até que, finalmente, nasceu o filho do casal com sua ajuda e orientação.

2.1 O falar nordestino

A língua portuguesa não é uniforme, as variações linguísticas são provas concretas desse fato. Existem as variações linguísticas sociais ou culturais que estão diretamente ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução de uma determinada pessoa, existem ainda as variações históricas, que mostram como a língua evolui, mudando a forma de se comunicar e a variação linguística regional.

Falar o idioma português não quer dizer que da mesma forma como se comunicam no Sudeste do país as pessoas comunicam-se no Norte, por exemplo. Além da variação regional, existem variações culturais que tornam o dialeto de determinados grupos singulares. Conforme atesta Marcos Bagno:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.). (BAGNO, 2011 p.27-28)

A análise do caso “Samarica parteira” aguçou a curiosidade pelo estudo das variações linguísticas, especificamente pela variação linguística regional. Na ocasião, realizou-se a análise estilístico-semântica desse caso e houve a oportunidade de se verificar a riquíssima ocorrência desse tipo de variação. Tal variação, além de mostrar as marcas de determinada região refletidas na língua, revela como o modo de essa população se comunicar reflete-se em diversos aspectos de seu meio social.

No caso “Samarica parteira”, há grande presença da forma como os sertanejos se comunicam, ou seja, a variação linguística regional (regionalismo). Exemplos concretos dessa variação regional são:

2.1.1 Omissão do “r” em encontros consonantais:

| Variação Linguística: | Linguagem formal: |
|--|-------------------|
| 1) “...Sertão dos caba valente... “ | 1) cabra (homens) |
| 2) “...já num tô dento ...” | 2) dentro |
| 3) “...Um rancho, rancho de pobe ...” | 3) pobre |

2.1.2 Omissão do “r” no final das palavras:

| Variação Linguística: | Linguagem formal: |
|---|-------------------|
| 1) ...sertão das mulhé bonita... | 1)mulheres |
| 2) ...que Juvita já tá com dô de menino... | 2) dor |
| 3) vou cuspi no chão, hein?! | 3) cuspir |
| 4) ...Tu tem que vortá ... | 4) voltar |
| 5) ...antes do cuspe secá !.. | 5) secar |

2.1.3 Omissão da consoante – “d” depois da sílaba tônica, após o dígrafo “nh”:

| | |
|---|---|
| Variação Linguística: 1) ...Tá me estranhan’o Nero? 2) ...Maguinho mas caçadozinh’o como diabo... | Linguagem formal: 1) estranhando 2) caçador/ caçadorzinho |
|---|---|

2.1.4 Apócope (eliminação do “l” no final dos vocábulos):

| | |
|--|--|
| Variação Linguística: 1)“...Vestiu o vestido verde e amarelo, padrão nacioná... ” 2)“... Coroné... ” | Linguagem formal: 1) nacional 2) coronel |
|--|--|

Como tantas outras marcas da variação regional, no caso também se encontram as marcas de oralidade que são a transcrição do falar das pessoas para a escrita. Pode-se encontrar no texto exemplos dessas marcas:

2.1.5 Marcas de oralidade

| |
|---|
| <p>“...já num tô dento...” “sertão das mulhé bonita...” “...e dos caba féi também...” “...Vamo fazê um negócio Lula?...”</p> |
|---|

Ainda encontramos as expressões idiomáticas, que “[...] são o produto de um processo de repetição na diacronia da língua.” (ZULUAGA, 1980), aquelas que, segundo os estudos linguísticos, são destituídas de tradução. Pode considerar-se que fazem parte daquilo que chamamos de variações da língua, uma vez que retratam traços culturais de uma determinada região. No texto encontramos algumas dessas expressões:

2.1.6 Expressões idiomáticas

| | |
|--|---|
| Expressões Idiomáticas: 1) Vá ligeiro. 2) Dor de menino. 3) Cuspi no chão, você tem que voltar antes que o cuspe seque. | Significado: 1) Vá rápido, com pressa. 2) Momento do parto, contrações. 3) Uma ordem de voltar depressa. |
|--|---|

2.2 As parteiras

As parteiras desempenharam e ainda desempenham um papel muito importante no sertão. Elas surgiram desde os primórdios das civilizações e das sociedades em geral e seu papel sempre foi o de ajudar no nascimento, assistindo às mães no parto. O conhecimento dessas mulheres sempre foi passado de mãe para filha, sem ser formalizado, não existia manual, foi um conhecimento passado naturalmente. No Brasil, os registros de educação formal para mulheres que poderiam auxiliar no parto datam o século XIX:

No Brasil, no século XIX, a educação formal de parteiras iniciou-se junto às escolas médicas, que controlaram sua formação até meados do século XX. O primeiro documento legal sobre o ensino de parteiras data de 1832, quando as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia foram transformadas em Faculdades de Medicina e, entre os cursos oferecidos, foi incluído o Curso de Partos. (RIESCO; TSUNECIRO, 2008)

No caso, a parteira é a personagem principal, todo o desenrolar da história acontece no seu entorno: desde a saída de Lula para buscá-la, a sua chegada à casa do capitão Balbino e durante o parto, naturalmente. Ela inclusive torna-se autoridade maior que o coronel nas decisões tomadas naquela situação. Ao chegar, já vai pedindo que se acenda um incenso antes mesmo de cumprimentar a mulherada da casa. Durante o procedimento do parto, faz várias outras solicitações: pede ao capitão uma capinha de fumo de Arapiraca para D. Juvita mastigar; ordena às mulheres que continuem rezando; pede ao capitão para colocar uma faca fria no dedão da sua mulher; orienta dona Juvita com bastante determinação: “Capitão Barbino, tem fumo de Arapiraca? Me dê uma capinha pr’ela mastigar. Pegue, D. Juvita, mastigue essa capinha de fumo e não se incomode. É do bom! Aguenta nas oração, muié!”

2.3 As superstições

Superstição é a crença baseada na ideia de que determinadas atitudes, números ou palavras trazem azar ou sorte. Podendo ser pessoal, religiosa ou cultural. O trabalho realizado pelas parteiras tradicionais no Nordeste brasileiro também é marcado pelas superstições, tendo em vista que muitas dessas profissionais práticas se inspiram no ciclo lunar para poder realizar partos.

Em “Samarica parteira”, podemos ver a presença de algumas superstições, tais como o recurso da faca “fria” junto ao dedão do pé, possivelmente para tirar a atenção da mulher das dores; além disso, a preparação do ambiente com incenso e as orações das rezadeiras, tudo isso para tornar o parto mais fácil. Como podemos ver no exemplo: “- Capitão Barbino, bote uma faca fria na ponta do dedão do pé dela, bote.”; “Aguenta nas oração, muié! [vozes rezando alto]”.

2.4 Tratamentos e remédios populares

A população do sertão nordestino sempre sofreu pela falta de acesso a médicos, hospitais e remédios, e desde sempre essa população se utilizou da matéria bruta como plantas medicinais usadas para fazer chás, curar feridas, além de outros elementos que a natureza oferecia por necessidade e também por tradição, e que eles acreditavam que realmente surtiam efeito.

No caso, a parteira se utiliza dessa medicina popular, quando pede ao marido de D. Juvita que traga a cebola para provocar espirro (que causa uma pressão, ajudando a mulher a fazer força para a criança vir ao mundo), com a finalidade de tornar o parto mais fácil e o fumo para a mulher mastigar: “Mastigue o fumo, D. Juvita. Aguenta nas oração, muié.” Acreditava-se que mascar o tabaco aliviaria a dor. Essa crença é confirmada no artigo intitulado “Panaceia no Século XVI e Patologia no Século XX”:

Os ameríndios davam várias utilizações ao tabaco, sobretudo em práticas religiosas e medicinais. O tabaco era inalado, mastigado, bebido, comido ou fumado. [...]. O tabaco era visto como a cura para os males e utilizado como um remédio para a dor, por exemplo, para aliviar as odontalgias era frequentemente usado o tabaco mascado. (FRAGA, 2010)

2.5 A cachorra Cruvina

Os animais têm uma grande importância no caso. Podemos ver a presença deles em vários momentos: os cavalos, que servem de condução na busca por Samarica e a passagem deles por diversos ambientes que nos retratam por onde Lula passou até encontrar a parteira; os sapos, cuja presença mostra a existência de lagoas; e os cachorros, que avisavam aos donos das casas que alguém havia chegado. Sobre os cachorros, vale destacar a cachorra de Samarica, Cruvina, que tem uma importância maior, pois a sua presença permite fazer uma comparação também com a pobreza nordestina, especificamente a do sertão.

A partir do surgimento de Cruvina, o narrador analisa as diferenças que há entre os cachorros criados por um rico e os criados pelos pobres. Tal comparação pode ser verificada pelos nomes como os animais são chamados. No caso, podemos ver a explicação que o empregado Lula dá para esses nomes:

“[...] Não sei por que cachorro de pobre tem sempre nome de peixe: é Cruvina, Traíra, Piaba, Matrinxã, Baleia, Piranha.[...] Cachorro de rico é goordo, num caça nada, rabo grosso, só vive dormindo. Há há ... num presta prá nada, só presta prá bufar, agora o nome é bonito: é White, Flike, Rex, Whiski, Jumm.”

Observa-se também a valorização que os que moram no sertão nordestino dão à água, pois os nomes dos seus animais sempre têm nome de peixe, que, obviamente, vivem em água. E esses nomes também nos permitem perceber que no sertão há fome, e que os animais também são atingidos por esse mal.

Outro dado curioso é uma referência ao nome Baleia, que aparece no caso, notadamente pertencente a uma famosa personagem do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que é uma metáfora: seu nome é uma ironia pelo fato de a cachorra ser magra, coisa bem comum de encontrar nos cachorros de pobre. Por exemplo, na obra cita-se: “A cachorra Baleia estava para morrer. O pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas”. (RAMOS, 2013)

2.6 Religiosidade

A religiosidade do nordestino está em cada detalhe da sua vida. No artesanato, são frequentes as figuras de santos, como São Francisco e São Benedito. Nas cidades, as igrejas são parte fundamental da vida cotidiana. Cada município guarda com carinho e devoção a data do seu santo protetor. Em dias de festejo, as cidades se cobrem de peregrinos, rezas e muita dança, tudo em nome da fé.

Neste ambiente de religiosidade, destacam-se os municípios de Juazeiro do Norte e Canindé, no Ceará. Grandes centros de peregrinação, as duas cidades recebem anualmente

milhares de pessoas de todo o país. Padre Cícero, importante figura religiosa do Nordeste, antes de sua morte mostrou, por meio de um pequeno texto, o seu agradecimento às pessoas que iam de muitos lugares do país a romarias e peregrinações a Juazeiro, mostrando como a cidade era, desde então, um lugar onde as pessoas buscavam ofertar os seus sacrifícios:

Vocês que vêm de suas terras distantes do sul de Alagoas e Pernambuco, dos Brejos da Paraíba, das praias do Rio Grande do Norte e deste Estado, ou dos longínquos sertões do Piauí, Maranhão e Bahia, sofrendo privações, a fome, a sede, o sol, e as intempéries dos longos caminhos, tudo por amor a visitar Nossa Senhora das Dores e o Padre Velho do Juazeiro, fiquem certos de que a Mãe de Deus recompensará a todos. (Padre Cícero Romão Batista, apud DINIS, 1935, p.34, apud RAMOS, 2001, p. 147)

No caso, vemos a presença muito marcante dessa religiosidade. Samarica parteira, com o intuito de facilitar o momento do parto de D. Juvita, começa a incentivar as mulheres a rezar, priorizando a Oração a São Raimundo Nonato, certamente a prece de maior força para o caso, já que São Raimundo Nonato passou por bastantes dificuldades no momento em que estava nascendo, chegando a perder a sua mãe, por isso recebeu o sobrenome Nonato, que quer dizer não nascido de mãe viva: “Chama as muié dessa casa, pr'a rezá a oração de São Raimundo, que esse cristão vem ao mundo nesse instante”. Não satisfeita, recorre a Santo Antônio e o desfecho se dá: nasce a criança. A oração é feita de uma forma desengonçada, misturando a figura de Deus com o diabo, recorrendo a todas as forças para a vinda da criança ao mundo: “Sant' Antoin pequenino, mansadô de burro brabo, fazei nascer esse menino, com mil e seiscentos diabo!” .

A religiosidade se apresenta em momentos importantes no caso, mostrando a fé dos nordestinos em determinados santos, acreditando que eles podem realmente auxiliá-los na busca por certas causas.

As rezadeiras têm uma grande importância no conto, pois todos acreditam que os clamores podem ser atendidos na hora do parto, e que uma criatura divina pode auxiliar para que o parto se torne mais fácil. Elas demonstraram uma grande afeição à figura dos santos, fazendo questão de representar de forma prática sua eficácia e revelaram possíveis intervenções que determinados santos puderam fazer em suas vidas.

2.7 Os capitães do Nordeste

Uma das personagens de destaque no caso é o Capitão Barbino, marido de D. Juvita. Sua figura é representativa dos senhores donos de terra que tinham domínio sobre o povo pobre e sofrido da região Nordeste.

Os coronéis (também conhecidos como capitães) interioranos eram senhores possuidores de vastas terras, criadores de grandes manadas de gado e donos de imensos engenhos de moagens de cana.

A história brasileira construiu o coronel como uma instituição de dominação, o que foi aceito pela maioria dos dominados, em função de um conjunto de fatores, em parte reais: interesses econômicos, proteção, violência, e em parte imaginários: dilatação do imaginário da família das relações de clientela. Os fatores reais e imaginários e sua articulação foram construídos durante séculos. (GUALBERTO, 1995, p.82)

Eles tinham poder absoluto, o que vale dizer que sua autoridade não era contestada e nem sempre se restringia a um pequeno município, mas também a uma região. Eram eles os chefes políticos, os mandatários que exerciam poderes e ditavam normas e leis a serem cumpridas, desde o carcereiro até o juiz.

No caso, podemos ver o poder do capitão, quando Lula obedece de prontidão aos pedidos do seu patrão. No entanto não conseguimos ver esse poder em todos os momentos, pois Samarica é quem assume o controle da situação, e o capitão chega até a obedecer aos pedidos da parteira, pelo bem da sua esposa: “- Capitão Barbiiino, bote uma faca fria na ponta do dedão do pé dela, bote”.

2.8 O relevo

O relevo do sertão nordestino é caracterizado pela presença de plantas de pequeno porte e de um solo, na maior parte do ano, seco.

Em “Samarica parteira”, uma das preocupações do escritor Zé Dantas é esclarecer ao leitor onde acontece a história, mostrando todos os lugares por onde Lula passa. Ele representa o relevo por meio de sons, fazendo o leitor projetar o cenário em diversas situações.

Primeiramente, o autor nos mostra Lula atravessando o lajedo: “Um lajedo: patatac patatac patatac patatac . Saí por fora”. Depois, quando sai do lajedo, mostra o galope de bestinha Melada no solo seco Nordeste: “Piriri tic tic piriri tic tic piriri tic tic piriri tic tic.” Em seguida, ele nos apresenta a passagem pela lagoa, cuja formação é frequente nos períodos de chuva no sertão. “bluu oi oi bluu oi, uu, uu.”

Ainda em relação à paisagem local, podemos perceber a criação de gado e a presença das propriedades rurais, pela reprodução da sonoridade das aberturas das cancelas encontradas ao longo do percurso entre a casa de coronel Barbino e a casa de Samarica: “nheeeiim ... pá...”. A presença dessas cancelas está relacionada às práticas econômicas utilizadas no Nordeste, tais como a agropecuária.

3 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo registrar os estudos sobre variação linguística regional e outros aspectos da cultura nordestina, a partir da análise do caso “Samarica Parteira”. Para alcançar os objetivos propostos, a turma se envolveu, lendo o texto várias vezes em voz alta, para então perceber o ritmo imposto pelos diálogos, mostrando como as variantes regionais impõem uma leitura diferenciada da leitura de um texto com a linguagem padrão. Houve também pesquisa sobre temas suplementares, já que no caso o compositor Zé Dantas incorporou ao texto vários aspectos importantes da cultura nordestina, como: a importância das parteiras; o uso da medicina popular; a religiosidade da população; os animais, que caracterizavam a diferença socioeconômica entre animais criados por ricos e por pobres; o relevo, para projetar na imaginação do leitor onde a história se passa; as autoridades da época - os capitães; e também as superstições da população. Durante a apresentação do trabalho, a turma também mostrou

ilustrações confeccionadas pelos grupos sobre o espaço onde se passava a história, o que deu ao trabalho um viés multissemiótico, já que agregou à linguagem escrita e à música, a linguagem imagética.

Para que o trabalho fosse executado, as poucas informações disponíveis em livros e na internet em relação à formação das parteiras e o reconhecimento de algumas palavras utilizadas no caso foram algumas das dificuldades encontradas pelos grupos, já que essa área de variação linguística e pesquisas sobre épocas passadas do Nordeste são um pouco escassas. Mas o importante é que a turma concluiu que, de muitas maneiras, a língua portuguesa ajuda a compreender não só o que as pessoas falam, mas também o modo como elas vivem. Além disso, verificou-se que os causos podem conter ótimos registros histórico-culturais de um povo.

A melhoria em relação à aprendizagem dos alunos sobre a variação linguística foi nítida. Esse trabalho serviu como um exemplo de que a aprendizagem pode ser melhor se forem usados outros gêneros, como, por exemplo, letras de músicas, causos e ainda tantas outras linguagens – música, imagens - que servem de auxílio para melhor entendimento de diferentes assuntos.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2011.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Santuários, Peregrinações e Novas Modalidades de Concentrações Humanas nas Práticas Religiosas**. Diálogos Latinoamericanos, Dinamarca: Aarhus v. 3/2001, p. 147, 2001.

FRAGA, Sílvia. Tabaco – panaceia no Século XVI e patologia no Século XX. Acta Médica Portuguesa – **Revista Científica da Ordem dos Médicos**, v. 23, n. 2, 2010. Em <http://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/610/294>, acesso em 13/12/2012.

GUALBERTO, João. **A invenção do Coronel**: ensaio sobre as raízes do imaginário político brasileiro. Vitória: Ed. UFES, 1995 p.82.

DANTAS, Zé. <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/392697/>, acesso em 22/10/2012.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Em <http://ebookbrowse.com/graciliano-ramos-vidas-secas-livro-completo-pdf-d295847530>, acesso em 19/05/2013.

RIESCO, Maria Luiza Gonzalez; TSUNECHIRO, Maria Alice. Formação profissional de obstetrias e enfermeiras obstétricas: velhos problemas ou novas possibilidades? **Revista Estudos Feministas** [online]. 2002, vol.10, n.2, p. 449-459. Em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000200014&script=sci_arttext, acesso em 25/11/2012.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.